

NOITE



DIVERSIDADE DESENFREADA

Um olhar sobre uma balada
gay na noite porto-alegrense

TEXTO E FOTOS **MANUELA QUADROS**

Para parte dos heterossexuais, gays podem não ser mais vistos como aberrações, mas ainda incomodam muita gente. E, nesse processo, parece ter se tornado fácil aceitar os dois extremos mais visíveis. Por um lado, o homossexual que não trai os códigos comportamentais de seu sexo, como o gay com pose de homem ou a lésbica de batom; por outro, a caricatura inofensiva de tão estridente, como a Drag Queen.

Este último caso é um dos mais interessantes, porque desde que o Carnaval é Carnaval as pessoas vão aos montes para bailes gays e se travestem em desfiles. Porque os gays encapsulados em paetês são engraçados. Porque a partir do momento em que a coisa se assume como festa e paródia não há mais ameaça. As paradas gays são apenas um Carnaval fora de época.

Ainda assim, baladas gays cada vez mais atraem e unem o público homossexual ao heterossexual, seja pela irreverência já citada ou pela diversidade. Afinal, o que a balada gay tem?

A produção

A festa Love Madonna está entre as preferidas do público GLS gaúcho. Projeto que teve início em 1999, com a antiga boate Sunga's Bar, a festa foi criada em conjunto com um produtor que tinha contatos com a gravadora de Madonna. "O planejamento agradou aos olhos da gravadora, que apoiou o evento, tornando-se a única festa oficial da Madonna no Bra-

sil", orgulha-se Rafael Hahn, responsável pela maioria das festas do Cine Theatro, boate predominantemente GLS em Porto Alegre. A festa tem um público fiel que não perde as edições, realizadas a cada quatro meses.

Hahn explica sua função como produtor, em especial para essa festa, que conta com a participação de Lemoine, cover oficial da Madonna no Brasil: "Eu crio o projeto, monto o formato e executo a festa. Sou responsável por tudo que venha a acontecer, desde as músicas até os DJs." O produtor conta que o trabalho é planejado com meses de antecedência. "Quando se monta um projeto, se estuda tudo que vai acontecer. A festa que as pessoas vivem em algumas horas dentro da boate, eu vivo antes, meses antes, quando monto um tema, faço os contatos e, através disso, o contratado, no caso aqui a Lemoine, já sabe como proceder. Às vezes fazemos uma marcação de luz, de palco. Ensaio mesmo vai depender muito do que vai ser feito na hora da festa, se haverá surpresa ou não."

Embora a popularidade da festa seja inegável, Hahn acredita que sempre se deve variar o tema para que elas não caiam na rotina. "No Cine rola desde o tribal ao eletro e do pop ao funk carioca. Festas como Divas Teen são para um público mais jovem; Surround, festa eletrônica, para um público mais descolado, e o famoso Pancadão, que, na minha opinião, é uma das mais tradicionais e populares festas gays do Brasil, reúne um público diversificado."

Apesar da programação do final de semana ser destina-

da aos GLS, Hahn argumenta que o público é diferenciado: "O Cine-Theatro é um local alternativo. Embora sextas e sábados atraiam mais o público GLS, não temos alvo preciso para nossas festas, apenas nos preocupamos muito com a qualidade de nossos eventos, acredito que o sucesso se deve a isso."

Menino não entra

Criado pelo próprio Rafael Hahn em 2004, o Clube da Luluzinha manteve-se fiel a sua proposta inicial – festa exclusivamente voltada ao público gay feminino.

"Antes do Cine-Theatro receber esse nome, os antigos donos criaram a boate de Sunga's Bar e sempre que eu divulgava as festas do Sungão – como era chamado na época – as meninas me cobravam: 'Quando vai ter uma Tanguinhas Bar?' E não é que isso me deu a ideia de fazer uma festa fechada, exclusiva para elas?", explica o produtor.

"Até hoje sinto falta de uma festa do gênero. Muitas vezes, em baladas GLS, homens heterossexuais frequentavam para tirar proveito da situação. Na 'Lulu' isso não

acontecia, era muito mais tranquilo", lembra Ursulla Short, 22 anos. Sempre uma vez ao mês, o Clube da Luluzinha trazia em sua programação festas temáticas com Drags, acústicos especiais, exposição de artes e fotografias, DJs convidadas e strippers. "Por dois anos e meio a festa teve sucesso, com direito a edições em Florianópolis e interior do Rio Grande do Sul. No Clube da Luluzinha ia muita mulherada variada, desde 'meninas machinhos' e donas de casa casadas com homens, a gurias mais lindas que tem por aí. Infelizmente, é uma festa que eu não faço mais. Aprendi muito com elas, principalmente sobre o preconceito que os próprios meninos gays têm com as meninas gays", conclui o produtor.

Hahn comenta que hoje muitas das meninas que frequentavam a Luluzinha migraram para o Pancadão e que, apesar do fim, não descarta o retorno da festa no futuro. "Sinto, às vezes, falta desta festa, mas como diz uma amiga minha, 'tudo tem seu tempo' e o tempo da Luluzinha já passou. Quem sabe um dia a gente não volta, não é mesmo?"





Balada gay x balada hetero

Como identificar uma balada predominantemente gay? Para Rafael Hahn muitas vezes, a casa acaba se moldando aos gostos do público: "No caso do Cine, 99% do povo que trabalha na casa é gay, ou seja, tudo que é feito de gays para gays, vai acabar gay!", brinca. "O Ocidente, por exemplo, por já ser um tipo de ponto de encontro, tornou-se uma casa não assumidamente gay, mas rotulada como tal pelo público que há muito tempo frequenta o local", completa.

Muito se questiona sobre a preferência do público para determinado tipo de balada. Uns preferem raves, justamente por ser algo homogêneo, outros, festas tradicionalmente heterossexuais ou homossexuais, por questões de identidade ou identificação. Hahn acredita que baladas gays são culturalmente mais ricas e organizadas: "As festas gays são bem mais divertidas e bem mais organizadas que as festas heteros. Você pode ir lá que ninguém vai te agarrar a força, nem ouvir aquelas péssimas piadinhas que você vê por aí. Você dança a noite toda, pois as músicas são melhores mesmo e você só faz aquilo que realmente está a fim."

O estudante Kenny Gusmão, 21 anos, polemiza: "Muitos ditos heterossexuais frequentam baladas gays, pois se encontra mais liberdade para experimentar sem um pré-julgamento dos demais". Thiago Jorge, 24 anos, também estudante, acredita que o que diferencia uma balada da outra é, essencialmente, o público, e discorda que heterossexuais atrapalhem a festa. "Heterossexuais só atrapalham quando vão para a balada com esse intuito. Por outro lado, acho legal quando eles acompanham amigos gays nas baladas. É curioso e divertido. Acho que alguns heterossexuais preferem a balada gay por ser mais alternativa, mais multicultural, mais divertida, até", completa.

Por fim, qual seria o diferencial de uma balada gay? "O que me agrada são as pessoas vinculadas ao ambiente, que é divertido e que você não encontra em nenhum outro lugar", avalia Thiago Jorge.

No final das contas, o que diferencia uma balada de outra não é a orientação sexual do público ou o público propriamente dito, e sim os interesses em comum que unem esses indivíduos. Em meio a essa imensa diversidade cultural, é inegável que a raiz do sucesso da balada gay está justamente nos bastidores da mesma.



IMPRESSÃO DE REPÓRTER

Quando sugeri o tema da minha reportagem, tinha consciência de que embarcaria em uma experiência única. Apesar de ainda ser um tema encarado como tabu por parte da sociedade contemporânea, acredito que a melhor maneira de retratar a cultura homossexual seja com uma boa dose de realidade, sem levantar bandeiras ou apelar para clichês. Para isso, frequentar apenas uma balada gay não seria o suficiente, pois, como qualquer festa, o ânimo e o clima passam por

algumas variáveis. Acredito que para ter uma opinião imparcial é preciso se livrar de preconceitos e possíveis opiniões pré-concebidas. Fui a quatro festas. De cada uma eu pude extrair algo diferente, único e esclarecedor. Pesquisar o comportamento humano, seja qual for, é sempre um aprendizado pessoal. Quando deparamos com uma temática que nos interessa e temos a oportunidade profissional de contar determinada história, enriquecemos muito como seres humanos.